A LITERATURA MÉDICA COMO FONTE PARA ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS E HISTÓRICOS: O CASO DA *POLYANTHEA MEDICINAL*, DE JOÃO CURVO SEMEDO

Tatiana KELLER (Universidade Federal de Santa Maria)

RESUMO:
A Sociolinguística Histórica surge em final dos anos 1980 com o objetivo de observar e explicar a ocorrência de fenômenos linguísticos variáveis em sincronias pretéritas. Nesta perspectiva, busca-se identificar fatores estruturais e sociais que estejam atuando na realização de tais fenômenos. Para tanto, é necessário recorrer-se a textos escritos de períodos mais antigos das línguas, uma vez que não se tem mais acesso a falantes desses períodos. Além disso, é preciso investigar o contexto social e histórico em que os documentos foram produzidos. Neste trabalho, defende-se o uso de fontes de diversas (documentos oficiais, particulares, reliogiosos etc), especialmente as da área médica, e examinam-se indícios de variação grafemática e de variação linguística. Nesse sentido, foi escolhida a obra *Polyanthea Medicinal* (5ª impressão, 1741), do renomado médico português João Curvo Semedo.
Palavras-chave: Sociolinguística Histórica. Fontes médicas. Variação linguística. Sincronias pretéritas.

MEDICAL LITERATURE AS A SOURCE FOR SOCIOLINGUISTIC AND HISTORICAL STUDIES: THE CASE OF POLYANTHEA MEDICINAL, BY JOÃO CURVO SEMEDO

ABSTRACT:
Historical Sociolinguistics emerged in the late 1980s with the aim of observing and explaining the occurrence of variable linguistic phenomena in past synchronies. From this perspective, it seeks to identify structural and social factors that are at work in the realization of such phenomena. To this end, it is necessary to resort to written texts from earlier periods of the languages, since we no longer have access to speakers of these periods. In addition,

it is necessary to investigate the social and historical context in which the documents were produced. In this paper, we advocate the use of diverse sources (official documents, private documents, religious documents, etc.), especially those from the medical field, and examine evidence of grapheme variation and linguistic variation. In this sense, the work *Polyanthea Medicinal* (5th printing, 1741), by the renowned Portuguese physician João Curvo Semedo, was chosen.
Keywords: Historical Sociolinguistics. Medical sources. Linguistic variation. Past synchronies.

INTRODUÇÃO

Este trabalho enquadra-se no âmbito da Sociolinguística Histórica (cf. ROMAINE, 1982; CONDE-SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY E CONDE-SILVESTRE, 2012, entre outros) cujo propósito é analisar como as formas linguísticas podem variar ao longo do tempo em determinadas línguas e comunidades. Para tanto, é necessário lançar mão de dados escritos, pois não é possível ter acesso a falantes de períodos mais recuados. Nesse sentido, um dos desafios para os pesquisadores reside na obtenção de dados, pois é preciso contentar-se com os textos remanescentes de tais épocas. Em virtude disso, em muitos casos, não é possível selecionar os textos com base no perfil social dos escreventes, levando em conta fatores como idade, escolaridade, gênero, classe social, etc.

Além disso, como menciona Cambraia (1996), há uma dificuldade para classificar os documentos escritos a partir de sua tipologia textual. As crônicas de Fernão Lopes, no século XV, não têm a mesma estrutura nem a mesma temática das crônicas, de Carlos Drummond de Andrade, no século XX, por exemplo, e, portanto, não poderiam ser comparadas entre si, embora sejam conhecidas pela mesma denominação. Além disso, um documento pode sofrer alterações não só em relação a sua classificação tipológica, mas também relação a sua estrutura composicional e textual.

Há ainda outra questão importante a ser considerada: em que medida o texto escrito preserva/ evidencia aspectos do vernáculo de sua época? Como decidir se determinada forma seria reflexo de influência da oralidade ou reflexo de tradição gráfica/ etimológica? Defende-se que o analista tenha um sólido conhecimento filológico e histórico para que possa estabelecer critérios para sua análise, como se vê, por exemplo, na taxionomia proposta por Lass

(2000) para tratar de dados em perspectiva diacrônica.

Em uma busca por dados que se aproximem do vernáculo praticado em sincronias pretéritas, muitos pesquisadores têm analisado cartas pessoais, as quais podem apresentar diferentes níveis de formalidade e de intimidade entre remetentes e destinatários, o que possibilitaria uma aproximação com a língua falada na época. Contudo, acreditamos que outros tipos de fontes também possam ser utilizadas em pesquisas históricas. Por isso, neste trabalho, temos por objetivo demonstrar a importância de fontes médicas para estudos sobre a Língua Portuguesa e apresentar exemplos de variação grafemática e de variação linguística (fonológica, morfossintática e semântica) encontrados na 5ª impressão da obra *Polyanthea Medicinal. Noticias galenicas e chymicas*, de João Curvo Semedo, publicada em 1741.

1. SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012) aludem que o caráter social da linguagem humana já era reconhecido desde o fim do século XIX, mas levou muito tempo para que constituísse um campo de estudos. O uso do termo *Sociolinguística*, para referir-se a uma área da Linguística, só foi fixado em 1964 em um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Nessa ocasião, a proposta de investigação dessa nova área foi a de relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade (BRIGHT, 1964).

Inicialmente, os estudos sociolinguísticos privilegiaram análises de cunho sincrônico. No entanto, a partir das últimas décadas do século XX observa-se uma revitalização dos estudos linguísticos de cunho histórico em virtude de uma nova abordagem para a mudança linguística. Isso se deve, segundo Maia (2012), à integração do princípio da variação linguística sincrônica nas análises diacrônicas. Para que uma mudança venha a ser implementada, é preciso que duas formas tenham co-existido (estivessem competindo pela preferência do usuário) em um mesmo momento e que uma delas tenha 'vencido a competição' e se sobreposto à outra. Tal caso apenas pode ser observado ao longo do tempo, ou seja, só é possível saber se uma situação de variação permanecerá estável ou se uma mudança linguística será implementada em uma perspectiva diacrônica.

No início dos anos 1980, Romaine (1982) procurou investigar se e de que forma o modelo quantitativo da Sociolinguística Variacionista poderia ser aplicado a dados históricos, o que deu origem à *Sócio-história linguística* (ou *Sociolinguística Histórica*, nomenclatura mais utilizada). Romaine (1982,

p. X) define como objetivo dessa disciplina "fornecer uma explicação para as formas e usos em que a variação pode manifestar-se em uma dada comunidade ao longo do tempo" (tradução nossa)[1]. Conde-Silvestre e Hernandéz-Campoy (2012, p. 1) ampliam a definição de Sociolinguística Histórica ao dizerem que ela é "a reconstrução da história de uma dada língua em seu contexto sócio-cultural" (tradução nossa)[2]. Os autores ainda comentam que uma das contribuições dessa teoria é a de enriquecer o diálogo entre o presente e o passado na pesquisa linguística.

Nesse arcabouço teórico, o *Princípio do Uniformitarismo* (ou Uniformidade), segundo o qual forças linguísticas que operam hoje e são observáveis ao nosso redor não são diferentes daquelas que operaram no passado (LABOV, 1972), tem importante papel. Romaine (1982) aduz que não há razão para acreditar que uma língua não tenha variado do mesmo modo no passado como no presente.

Diante da impossibilidade de ter-se acesso a informantes de períodos mais recuados no tempo, é necessário recorrer a textos escritos desses períodos. Essa tarefa, no entanto, pode apresentar alguns desafios relativos à obtenção de dados, à fidedignidade da fonte, à classificação tipológica dos textos, à proposição de variáveis linguísticas e sociais, entre outros[3].

No que tange à obtenção de dados, a dificuldade reside no fato de que o analista está restrito à consulta do material escrito que sobreviveu por acaso e, em virtude disso, tal material pode estar incompleto e apresentar falhas. Mattos e Silva (1991) já fazia referência a essa questão quando dizia que, ao lidar com dados de sincronias passadas, o pesquisador fica limitado apenas aos documentos escritos que resistiram ao tempo e a acidentes históricos, uma vez que não é mais possível contar com a ajuda de falantes nativos daquela variedade.

Labov (1972) denomina de 'maus dados' aqueles obtidos a partir de documentos escritos em oposição a 'bons dados' obtidos por meio de entrevistas individuais gravadas, nas quais é possível selecionar os informantes com base em seu perfil social, ou seja, dividi-los conforme sexo, idade e escolaridade, por exemplo. O mesmo não pode ser feito com dados escritos, em função da escassez de informações acerca das condições de produção e de circulação desses materiais. A esse respeito Ayres-Bennet (2018, p. 257) alude ao fato de

1- No original; "to provide na account of the forms and uses in which variation may manifest itself in a given community over time" (ROMAINE, 1982: x).

2- No original: "the reconstruction of the history of a given language in its socio-cultural context" (CONDE-SILVESTRE & HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2012: 1).

3- Essas questões são tratadas também em Borges e Keller (2020).

que os dados escritos disponíveis são menos numerosos se comparados aos dados de língua falada; se recuamos no tempo, textos escritos por mulheres e por pessoas de níveis sociais mais baixos são mais escassos. Além disso, a pesquisadora salienta que frequentemente temos menos informações sobre os escreventes, o que pode dificultar a construção de seu perfil social em termos de idade, gênero, ocupação, educação, *status* socioeconômico etc. Contudo, Romaine (1982, p. 122) argumenta que um dado histórico só pode ser considerado ruim quando comparado a um dado de fala real; a autora diz ainda que documentos históricos escritos devem ser considerados válidos por si só.

No que concerne à *Polyanthea Medicinal*, informações sobre a produção e a circulação da obra estão mais acessíveis devido à notoriedade de seu autor e ao seu alcance (houve cinco impressões no período de 1697 a 1741), o que torna mais viável a tentativa de reconstrução de seu contexto socio-histórico.

Maia (2012, p. 537) observa ainda que "para a investigação em perspectiva diacrônica, é absolutamente necessária uma consistente infraestrutura filológica e uma sólida preparação do investigador que lhe permita uma interpretação dos textos escritos". Dessa forma, Telles (2008) salienta que para que um texto possa ser utilizado como fonte de pesquisa, é essencial que seja reproduzido de forma conservadora, isto é, que todos os traços paleográficos e grafemáticos sejam preservados. No que diz respeito à *Polyanthea Medicinal*, a tarefa do analista é facilitada pelo fato de a obra ter sido impressa e estar disponível em formato digital. Porém, há que se observar alguns aspectos referentes à impressão, sobretudo no que tange ao til: 1) sua colocação em ditongos nasais - sobre a vogal *o*, como em louvaõ (*louvão*) ou sobre a vogal *a* como em mãos (*mãos*), 2) seu uso ao invés de consoante nasal (algũs, *alguns*) e 3) sua utilização para indicar abreviação (porq̃, *porque*); há também o problema para precisar se há ou não espaço em branco entre palavras (ſe foſſe, *sefosse* ou *se fosse*), Ultima mente ſ, *ultima mente* ou *ultimamente*) e o uso de ſ em lugar de s (como em ſuperior, *superior*), entre outros[4].

Ademais, Cambraia (1996) chama a atenção para a dificuldade de caracterizar-se as tipologias textuais ao longo do tempo. Além da falta de critérios claros para sua definição, alguns tipos textuais podem não estar disponíveis em uma determinada época, o que complicaria uma análise

4- Paixão de Sousa (2013) trata de alguns desses aspectos.

diacrônica. Mesmo Romaine (1982), quando propõe o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Histórica, não deixa explícita essa questão. Conde-Silvestre (2007), por exemplo, defende que

> os textos mais úteis para o investigador são aqueles que transpõem para a escrita as trocas comunicativas que teriam ocorrido ou poderiam ter ocorrido na fala, pois, em princípio, este tipo de texto deveria manifestar um grau maior de variação e, por outro lado, facilitaria a correlação das variáveis linguísticas com as circunstâncias pessoais de seus emissores e receptores" (tradução nossa)[5] (CONDE-SILVESTRE, 2007, p. 45).

Em virtude disso, em português, muitos pesquisadores, tais como Lopes (2005), Rumeu (2010), Grobe (2015), Gama e Sousa (2021), para citar alguns, têm utilizado em seus estudos cartas pessoais, as quais apresentariam graus distintos de familiaridade e de formalidade entre remetentes e destinatários, o que possibilitaria proximidade com a língua falada na época.

Autores como Barbosa (1999), Simões e Kewitz (2009), entre outros, por sua vez, abrem a possibilidade de utilizar-se, não apenas documentos pessoais, mas também documentos oficiais como fonte de estudos. No âmbito da cultura anglófona, por exemplo, Esteban-Segura (2012) argumenta a favor do uso de documentos oficiais, monásticos e médicos. Havia, segundo a autora, a partir da metade do século XIV, uma demanda por material registrado em língua vernácula o que levou à produção de uma gama variada de obras, dentre as quais destacam-se as do campo da medicina. Escritos em estilo vernacular, os textos médicos apresentavam a língua usada por falantes nativos e sua análise, de acordo com a pesquisadora, poderia ajudar a elucidar a evolução do vernáculo na sociedade inglesa quinhentista. Em português, podem ser citados como exemplos de uso de fontes médicas em estudos linguísticos os estudos de Finatto (2018) e Borges (2020).

Neste trabalho, defendemos a viabilidade do uso de fontes médicas para análise da Língua Portuguesa usada em sincronias passadas. Para tanto, trazemos exemplos de variação grafemática e variação linguística (em diversos níveis: fonológico, morfossintático, semântico).

5- No original: "los textos más útilis para el investigador son aquellos que transladan al medio escrito intercambios comunicativos que han ocurrido o podrían haber ocurridos en el medio oral pues, en principio, este tipo de textos debería manifestar un grado mayor de variación y, por otro lado, facilitar la correlación de las variables linguísticas con las circunstancias personales de sus emisores y receptores" (CONDE-SILVESTRE, 2007, p. 45).

2. DESCRIÇÃO DA OBRA E POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

De acordo com Santos (2004), João Curvo Semedo nasceu em 1635 na Vila de Monforte (no Alentejo), formou-se em Medicina, aos 26 anos, na Universidade de Coimbra, e acumulou diversas honrarias ao longo da carreira. Foi familiar do Santo Ofício, médico de seus cárceres, da Casa Real e Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo. Escreveu diversas obras médicas, dentre as quais selecionamos para este estudo a 5ª impressão da *Polyanthea Medicinal*. *Noticias galenicas e chymicas*[6], de 1741.

Dias (2007) comenta que a *Polyanthea Medicinal*. *Noticias galenicas e chymicas*, de Semedo, foi o livro de terapêutica de maior popularidade até a primeira metade do Setecentos. Segundo o pesquisador, a obra é uma farmacopeia, dividida em três tratados, que teve, pelo menos, cinco impressões entre os anos de 1697 a 1741. As farmacopeias, conforme Freitas (2022, p. 4), "não eram apenas catálogos de plantas e remédios. Sua estruturação e as receitas, curativas que continham eram também uma indicação do ambiente de ideias médicas que circulavam nos diversos ambientes da medicina lusitana e colonial".

A palavra de origem grega *Polyanthea* (port. Polianteia) era usada para denominar agrupamentos de tópicos literários, cronologias, calendários litúrgicos, biografias, breviários, iconografias, bestiários, herbários, lapidários, anedotários, fábulas, entre outros. Geralmente, era redigida em latim e dividida em tratados. Difere das chamadas *miscelâneas*, as quais eram escritas em língua vernacular, sem organização sistemática e com caráter mais literário. Todavia, Semedo elabora sua *Polyanthea*, não em Latim, mas em português. A justificativa para essa escolha está descrita no *Prológo* da obra, como veremos mais adiante.

O livro inicia-se na folha de rosto, ilustrada na Figura 1, na qual se avistam: o título da obra, *Polyanthea Medicinal. Noticias Galenicas e Chymicas, repartidas em tres tratados*; dedicatórias ao Cardeal de Sousa (Arcebispo de Lisboa e Capelão-mor do rei D. Pedro II) e a D. Pedro Antonio de Noronha (Marquês e Senhor de Angeja, Bemposta e Pinheiros, entre outros títulos); o nome do autor, João Curvo Semedo (Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício e Médico da Casa Real); o nome do filho do autor, R. Ignacio Curvo Semedo, responsável pela 5ª impressão; e por fim, o local, a editora e a data da publicação (Lisboa, Antonio Pedrozo Galram, 1741).

6- Consultou-se para este trabalho a versão digitalizada disponível em: https://wellcomecollection.org/works/kr3gvkze.

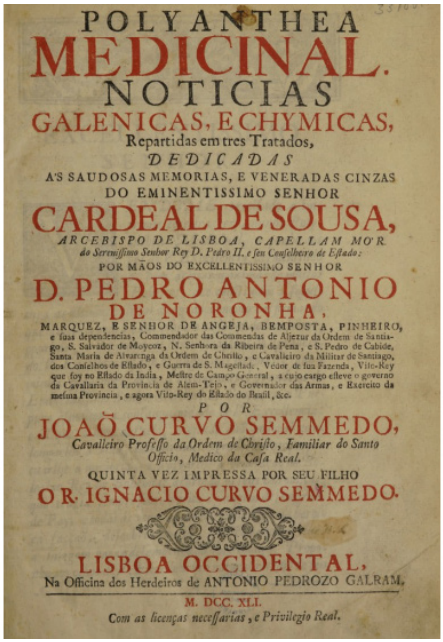

POLYANTHEA
MEDICINAL.
NOTICIAS
GALENICAS, E CHYMICAS,
Repartidas em tres Tratados,
DEDICADAS
A'S SAUDOSAS MEMORIAS, E VENERADAS CINZAS
DO EMINENTISSIMO SENHOR
CARDEAL DE SOUSA,
ARCEBISPO DE LISBOA, CAPELLAM MO'R
do Serenissimo Senhor Rey D. Pedro II. e seu Conselheiro de Estado:
POR MÃOS DO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. PEDRO ANTONIO
DE NORONHA,
MARQUEZ, E SENHOR DE ANGEJA, BEMPOSTA, PINHEIRO,
e suas dependencias, Commendador das Commendas de Aljezur da Ordem de Santiago, S. Salvador de Moyzoz, N. Senhora da Ribeira de Pena, e S. Pedro de Cabide, Santa Maria de Alvarenga da Ordem de Christo, e Cavalleiro da Militar de Santiago, dos Conselhos de Estado, e Guerra de S. Magestade, Veador de sua Fazenda, Viso-Rey que foy no Estado da India, Mestre de Campo General, a cujo cargo esteve o governo da Cavallaria da Provincia de Alem-Tejo, e Governador das Armas, e Exercito da mesma Provincia, e agora Viso-Rey do Estado do Brasil, &c.
POR
JOAÕ CURVO SEMMEDO,
Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, Medico da Casa Real.
QUINTA VEZ IMPRESSA POR SEU FILHO
O R. IGNACIO CURVO SEMMEDO.
LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina dos Herdeiros de ANTONIO PEDROZO GALRAM.
M. DCC. XLI.
Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

Figura 1: Folha de rosto da *Polyanthea Medicinal* (Semedo, 1741)

Após a folha de rosto, há ainda os seguintes elementos pré-textuais:

1) Texto de abertura endereçado ao Cardeal de Sousa.
2) Prólogo ao leitor.
3) Cartas recebidas:
   a) do Dr. Francisco da Fonseca Henriques (médico do Rei D. João V);
   b) do Dr. Antonio Teixeira (médico do Algarve);
   c) de Paschoal Ribeiro Coutinho.
4) Poemas (em latim):
   a) de Raphael Bluteau;
   b) de Antonio Luis de Azevedo.
5) Sonetos (em português):
   a) do Dr. Andre Nunes da Silva;
   b) de Jacinto Roballo Freire (sobrinho do autor);
   c) de Paschoal Ribeiro Coutinho;
   d) de Antonio Marques Lesbio.
6) *Index dos authores que se allegam neste Livro*.

7) *Index dos Tratados, e Capitulos que contem este Livro*.
8) Licenças do Santo Ofício.

Dos elementos pré-textuais, destaca-se aqui o *Prólogo ao leitor.* Ele repete na 5ª impressão o que está na 3ª, o qual não foi substancialmente alterado em relação à 1ª impressão (Semedo acrescentou na 2ª impressão notas em letra menor colocadas nas margens e na 3ª notas nas entrelinha). Nele, o autor agradece o fato de que em menos de 12 anos já terem sido impressas 2.150 cópias, cita outros doutores que escreveram tratados em Língua Portuguesa e menciona um Decreto do rei D. João VI que determinava que os médicos e os cirurgiões receitassem os remédios em "linguagem Portugueza para que todos os entendeſſem, attendendo mais ao bem commum, que ao capricho dos Medicos ſe escreveſſem na lingua Latina" (SEMEDO, 1741, p. 5). Além disso, Semedo menciona obras importantes da área médica da época que foram traduzidas para o português.

Conforme Lourenço (2016, p. 134), Semedo, "ao escrever, tinha como intenção atingir a um público diversificado, desde seus pares até os leigos". Essa intenção está demonstrada neste excerto do *Prólogo* (Figura 2):

> (...) Repito o proporte que naõ deves culparme eſcrever em lingua Portugueza, attendendo que o meu principal intento foy aproveitar aos meus proximos, e acudir a alguns Lugares, e Villas deſte Reyno, aonde naõ ha Medico, e apenas algum Barbeiro, ou Cirurgiaõ taõ falto de ſciencia, que na enfermidade mais commua obra abſurdos de mayor marca: e como poderia eu acodir a eſtes defeitos, ſenaõ imprimindo em lingua Portuguesa hum tal Livro Mais alto, e mais ſagrado aſſumpto foy de S. Baſilio, S. Chryſoſtomo S. Gregorio Nazianzeno, e de outros Santos, e Doutores, e eſcrevèraõ na ſua lingua vulgar, que era a Grega (...) (SEMEDO, 1741, p. 3-4).

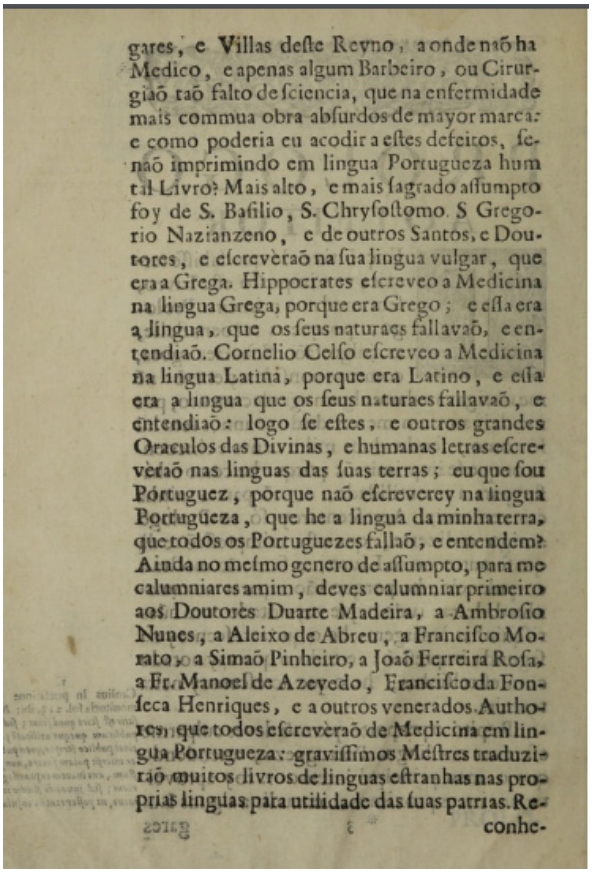
Percebe-se assim uma preocupação para tornar os conhecimentos médicos acessíveis a mais pessoas e também uma valorização do uso da Língua Portuguesa.

PROLOGO
AO LEITOR.

TEnçaõ tive de que sahisse terceira vez impresso este Livro, sem mudar o primeiro Prologo; porque as razoens delle, as julgo taõ essenciaes agora, como as considerey entaõ: nẽ me obrigava a darte algum agradecimento, por me deixares em menos de doze annos sem hũ só tomo, sendo dous mil e cento e cincoenta os que se imprimiraõ; porque he certo olhaste para a tua utilidade, e naõ para a minha conveniencia. Acrescentarey só ao Prologo antigo o dizerte, que esta reimpressaõ te dà quasi outro novo Livro; e se to não mostra a corpulencia, he porque não reparas no tamanho da letra: tudo o que vay notado com hũas risquinhas àmargem, he o que acrescentey na segunda impressaõ; e tudo o que vay notado com estrellinhas, he o que acrescentey nesta terceira.

Repito o proporte que naõ devès culparme escrever em lingua Portugueza, attendendo que o meu principal intento foy aproveitar aos meus proximos, e acudir a alguns Lugares

V.
Crolius in præfatione ad monitoria fol. 213. ibi: *Non satis est scire quod scias; sed ad publicam quoque utilitatẽ pertinet publico scripto, quod publice intersit palam facere, non sæpius, aut inanem captando gloriam; sed juvando studio incitatus, ut posterità consulatur.*



gares, e Villas deſte Reyno, a onde naõ ha Medico, e apenas algum Barbeiro, ou Cirurgiaõ taõ falto de ſciencia, que na enfermidade mais commua obra abſurdos de mayor marca: e como poderia eu acodir a eſtes defeitos, ſe naõ imprimindo em lingua Portugueza hum tal Livro? Mais alto, e mais ſagrado aſſumpto foy de S. Baſilio, S. Chryſoſtomo S Gregorio Nazianzeno, e de outros Santos, e Doutores, e eſcrevèraõ na ſua lingua vulgar, que era a Grega. Hippocrates eſcreveo a Medicina na lingua Grega, porque era Grego; e eſſa era a lingua, que os ſeus naturaes fallavaõ, e entendiaõ. Cornelio Celſo eſcreveo a Medicina na lingua Latina, porque era Latino, e eſſa era a lingua que os ſeus naturaes fallavaõ, e entendiaõ: logo ſe eſtes, e outros grandes Oraculos das Divinas, e humanas letras eſcrevèraõ nas linguas das ſuas terras; eu que ſou Portuguez, porque naõ eſcreverey na lingua Portugueza, que he a lingua da minha terra, que todos os Portuguezes fallaõ, e entendem? Ainda no meſmo genero de aſſumpto, para me calumniares amim, deves calumniar primeiro aos Doutores Duarte Madeira, a Ambroſio Nunes, a Aleixo de Abreu, a Franciſco Morato, a Simaõ Pinheiro, a Joaõ Ferreira Roſa, a Fr. Manoel de Azevedo, Franciſco da Fonſeca Henriques, e a outros venerados Authores, que todos eſcrevèraõ de Medicina em lingua Portugueza: graviſſimos Meſtres traduziraõ muitos livros de linguas eſtranhas nas proprias linguas para utilidade das ſuas patrias. Reconhe-

Figura 2: Prólogo ao leitor (SEMEDO, 1741, p. 3-4)

O texto propriamente dito divide-se em três tratados:

1) Tratado Primeiro: capítulo único.
2) Tratado Segundo: 132 capítulos.
3) Tratado Terceiro: 4 capítulos.

De modo geral, no Tratado Primeiro o autor aborda os benefícios ('proveitos') que podem ser obtidos por meio do uso de vomitórios e apresenta autores que os exaltam como remédios contra muitas doenças. No Tratado Segundo, são descritas as qualidades e virtudes do antimônio e do estíbio (os chamados 'Pós de Quintilio'), são apresentados autores que recomendam sua utilização, são indicadas as quantidades de aplicação e as doenças que combatem. Por fim, no Tratado Terceiro, Semedo discorre sobre a adequação

da Química nos tratamentos e sua importância para os médicos, menciona ainda os autores que a usaram e prepararam seus reméidos com base na ciência.

Posteriormente aos tratados há também as seguintes partes:

1) Protestação do autor.
2) *Index das cousas mais notaveis, que se contem neste livro.*
3) Manifesto.
4) *Indice dos simplices que se contem neste Memorial.*

Em relação ao dado escrito, Monaretto (2005) assinala que é possível identificar e resgatar indícios de variação e de mudança, contudo, o pesquisador deve preocupar-se com a constituição do *corpus* e com a filtragem dos dados a fim de que se possam diferenciar registros significativos linguisticamente de registros que não o são.

Defende-se que o analista tenha um sólido conhecimento filológico e histórico para que possa estabelecer critérios para sua análise, como se vê, por exemplo, na taxionomia proposta por Lass (2000) para tratar de dados em perspectiva diacrônica:

a) Lixo – são formas que não podem ser interpretadas, pois são lapsos do escriba. São os erros ortográficos visíveis a olho nu, por exemplo, a troca de grafemas, como em *fazenad* ao invés de *fazenda.*

b) Variação puramente gráfica – são formas resultantes de uma tradição ortográfica ou de busca por traços etimológicos. No caso do português, pode-se citar como exemplos a ocorrência de consoantes geminadas em vez de simples, como em *attendidos* e a utilização de *ph* em *pharmacia*.

c) Grafia significativamente fonológica – são formas em que a grafia pode expressar processos fonológicos, tornando a informação relevante para pesquisa linguística. Podem revelar traços próximos à fala, por exemplo, formas como *pidir ~ pedir* ou *custume ~ costume* podem indicar a realização do processo de harmonia vocálica.

A seguir apresentamos exemplos de variação grafemática e de variação linguística extraídos da *Polyanthea Medicinal*[7]

a) Variação grafemática

1) Uso de consoantes geminadas: efficaz (eficaz), aggrava (agrava), communicaçaõ (comunicação), applicar (aplicar), transmittidos (transmitidos), elle (ele), annos (anos), accidentes (acidentes).

7- Borges (2020) faz um levantamento semelhante nas obras *Observaçoens Medicas Doutrinaes de Cem Casos Gravissimos* (1707), de João Curvo Semedo, e *O Novo Medico ou A Medicina Simplificada ao Alcance de Toda a Gente* (1887), de José Alvares de Souza Soares.

2) Uso de h
2.1 Pseudo-etimológico: *he* (é), *hum* (um), *authores* (autores).
2.2 Marcação de hiato: *cahiria* (cairia), *contrahe* (contrai).

3) Uso de til
3.1 Marcação de ditongo nasal: *naõ* (não), *entaõ* (então).
3.2 Substituição de consoante nasal: *quãtidade* (quantidade), *doẽças* (doenças), *algũ* (algum).
3.3 Marcação de abreviação: *q̃* (que), *porq̃* (porque).

4) Uso de y: *mãy* (mãe), *apontarey* (apontarei), *martyrio* (martírio), *estylo* (estilo).

5) Hipersegmentação: *em quanto* (enquanto).

6) Hipossegmentação: *fabricallos* (fabricá-los), *dizeme* (dize-me), *sabella* (sabê-la), *faltandolhes* (faltando-lhes), amodestia (a modestia), *decimaterceira* (décima terceira).

b) Variação linguística

1) Fonológica
1.1 Alçamento vocálico: *burbulhas* (borbulhas), *gingibre* (gengibre), *engulir* (engolir), *inficionadas* (infeccionadas), *pulidas* (polidas), *testimunhar* (testemunhar).
1.2 Abaixamento vocálico: *Emperador* (Imperador), *deminuida* (diminuída), *ortigas* (urtigas).
1.3 Substituição vocálica: *arreigar* (arraigar), *ventagens* (vantagens), *embigo* (umbigo).
1.4 Prótese: *alimpaõ* (limpam).
1.5 Metátese: *pertendo* (pretendo), *esfergando* (esfregando).

2 Morfossintática
2.1 Regência: usaõ *da* agua, escandalizes *dos* espinhos, acautelar *aos* doentes.

3 Semântica
3.1 Palavras em desuso: desdouro, presentaneo, rendoso, enfermou, malignasem, delgadeza, apostemado.
3.2 Formas substituídas na atualidade: improporcional (desproporcional),

impuridades (impurezas), prenhadas (prenhas).

Conforme a nomenclatura de Lass (2000), a variação puramente gráfica relaciona-se com a variação grafemática proposta aqui. Tal tipo de variação pode nos fornecer pistas sobre a tradição gráfica de um determinado período e também pode indicar hesitações comuns ao processo de aquisição da escrita em escreventes com baixo nível de letramento. A grafia significativa fonológica é tratada por nós na variação fonológica. Essa grafia pode indicar a influência da fala na escrita. Além disso, pode-se observar questões relativas à regência verbal (variação no uso de preposições) e ao uso e ao significado de determinados vocábulos, os quais caíram em desuso (ou ocorrem raramente) ou foram substituídos por novas palavras.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, procuramos mostrar a importância do uso de fontes escritas da área médica para o estudo da Língua Portuguesa em períodos mais afastados no tempo. Por meio da análise desses documentos, é possível reconstruir o contexto socio-histórico de sua produção e circulação, bem como descrever características concernentes à grafia utilizada nesses períodos. Tal grafia pode fornecer indícios de fenômenos variáveis que dizem respeito a aspectos grafemáticos e linguísticos.

Os aspectos grafemáticos auxiliam na compreensão da normatização da escrita de um determinado período, uma vez que se relacionam à manutenção de uma tradição de escrita, muitas vezes, baseada na etimologia das palavras. Já os aspectos linguísticos fornecem pistas sobre uma possível influência da fala na escrita e também sobre uma mudança no significado e no uso de certas estruturas. Assim, indicamos possibilidades de análise de dados da Língua Portuguesa usada no século XVIII que podem colaborar para uma descrição linguística, histótica e social do período.

REFERÊNCIAS

AYRES-BENNET, W. Historical Sociolinguistics and tracking language: sources, text types and genres. In: AYRES-BENNET, W; CARRUTHERS, J. (Eds). *Manual of Romance Sociolinguistics.* Berlin: De Gruyter, 253-279, 2018.

BARBOSA, A. G. *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

BORGES, P. R. S. Indícios de fenômenos linguísticos variáveis no texto de João Curvo Semedo (1707) e em fontes documentais médicas escritas no Rio Grande do Sul no século XIX. In: HOGETOP, D, N.; WEIMER, R. A. (Org). *XV Mostra de pesquisa: produzindo história a partir de fontes primárias / Rio Grande do Sul*. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS, 17-24, 2020.

BORGES, P. R. S.; KELLER, T. Proposta metodológica de descrição e análise de fenômenos variáveis em textos históricos na perspectiva da Sociolinguística Histórica. *Letras*, 60, 51–76, 2020.

BRIGHT, W. (Org.) Sociolinguistics. In: PROCCEEDINGS OF THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE. The Hague: Mouton, 1964.

CAMBRAIA, C. N. A pesquisa diacrônica e o problema do corpus. In *Anais da Semana de Estudos de Língua Portuguesa*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. II, 13-21, 1996.

CONDE-SILVESTRE, J. M. Sociolinguística Histórica. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

DIAS, J. P. S. *Droguistas, boticários e segredistas. Ciências e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2007.

ESTEBAN-SEGURA, L. Medical, Official, and Monastic Documents in Sociolinguistic Research. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Eds). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. London: Balckwell, 140-155, 2012.

FINATTO, M. J. B. *Corpus*-amostra português do século XVIII: textos antigos de medicina em atividades de ensino e pesquisa. *Domínios de Lingu@gem*, vol. 12, n. 1, 435-464, 2018.

FREITAS, R. C. de. Curas químicas para males galênicos: plantas e minerais no tratamento de febres em João Curvo Semedo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, 17 (1), 1-16, 2022.

GAMA, D. E. R. S.; SOUSA, A. M. de. O objeto nulo em cartas pessoais do século XX: um estudo sociolinguístico-histórico. *A Cor Das Letras*, 22(1), 401–426, 2021.

GROBE, S. Cartas e correspondência ordinária como ego-documentos na análise linguística. *Revista LinguíStica,* vol. 11, n. 2, 22-41, 2015.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. Introduction. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Eds). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. London: Balckwell, 1-8, 2012.

KEWITZ, V.; SIMÕES, J. da S. Características e potencialidades dos *corpora* paulistas. In: CASTILHO, A. (Org.) *História do português brasileiro*: *corpus*

diacrônico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2009.
LABOV, W. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, J. J. ; HYNES, D. *Directions in sociolinguistics*: the ethnography of communication. New York: Hold, Rinehart and Winston, 1972.
LASS, R. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
LOPES, C. R. dos S. (Org.). *A Norma Brasileira em Construção: Fatos Linguísticos em Cartas Pessoais do Século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005.
LOURENÇO, T. S. *O médico entre a tradição e a inovação: João Curvo Semedo*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2016.
MAIA, M. C. *História do galego-português:* estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII até o XVI. Coimbra: I.N.I.C, 1986.
MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico*: fonologia. São Paulo: Contexto, 1991.
MONARETTO, V. N. de O. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. *Letras de Hoje, v.40* (nº3), 117-135, 2005.
NEVALAINEN, T.; RAUMOLIN-BRUNBERG, H. Historical Sociolinguistics: origins, motivations, and paradigms. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Eds). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. London: Balckwell, 22-40, 2012.
PAIXÃO DE SOUSA, M. C. A Filologia digital em Língua Portuguesa: alguns caminhos. In: GONÇALVES, M. F.; BANZA, A. P. (Coord.). *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: CIDEHUS, 113-138, 2013.
ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics:* its status and methodology. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
RUMEU, M. C. de B. Para uma história no Basil e do Brasil: Edição de cartas setecentistas, oitocentistas o novecentistas. *Caligrama,* 15 (2),133-160, 2010.
SANTOS, G. S. dos. João Curvo Semedo e a arte dos médicos setecentistas (1635-1719). In: XI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, Rio de Janeiro, 2004.
SEMEDO, J. C. *Polyanthea Medicinal. Noticias Galenicas e Chymicas*. 5ª impressão. Lisboa: A. P. Galram, 1741. Disponível em: https://wellcomecollection.org/works/kr3gvkze. Acesso em: 20 abr. 2023.
TELLES, C. M. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. *Calidoscópio*, vol. 6, n.1, 28-36, 2008.